

A mulher bóia-fria - maternidade ou culpa

Ione Silva e Carolina Teles Lemos

A sociedade patriarcal produziu um modelo de homem e mulher a partir de formas de organização da sociedade, que são hierárquicas, idealistas e excludentes. Em toda história humana podemos perceber que: legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores, sábios, etc., empenharam-se em demonstrar que a condição de subordinação da mulher era desejada no céu e proveitosa na terra (Simone de Beauvoir, "O Segundo Sexo", p. 16).

Ao longo da história as instituições se apropriaram dos mitos e lendas existentes, criaram e estimularam outros para reforçar o estado de submissão da mulher, levando-a à introjeção dos mesmos e, na questão específica, à maternidade como função única da mulher e bilhete de acesso ao paraíso idealizado.

Nas camadas populares e empobrecidas, a introjeção desses mitos e tabus produz um peso ainda maior sobretudo na luta pela sobrevivência, onde o prazer é substituído pela dor, pela violência e pela instrumentalização do corpo da mulher. A culpa toma um duplo sentido - o de necessariamente ter que gerar filhos e o de não ter condições concretas para sustentá-los.

As mulheres bóias-frias são trabalhadoras rurais, sem terras, volantes, sem vínculo empregatício, cuja jornada de trabalho é de 12 horas por dia nas colheitas de café, algodão e cana-de-açúcar. São trans-

portadas em caminhões como animais e sujeitas a abusos sexuais no trabalho, principalmente as adolescentes. Vivem em favelas das cidades em regiões agrícolas.

Para conhecer o universo do pensamento da mulher bóia-fria em relação à sexualidade e os direitos reprodutivos, realizamos quinze entrevistas, das quais serão transcritos alguns trechos significativos sobre: sexualidade-maternidade e direitos reprodutivos.

1) Sexualidade

"Eu nunca esperava que isso fosse acontecer comigo; eu era moça dentro de casa, mas meus irmãos me xingava e eu não devia, aí acabou acontecendo." (M.G. 39 anos)

"Eu sirvo o marido, porque tem que servir. Quando eu casei na igreja crente, o pastor falou que a mulher tem que servir o marido, e se a gente não serve o marido, ele fica desconfiado e dá briga." (N.S. 24 anos)

"A gente tendo marido tem de servir ele, senão ele procura outra ou bate na gente." (M.I. 30 anos)

"O sexo é um complemento importante, pra se unir tem que existir o amor. Sair por aí transando porque gosta não tem nada a ver. O sexo tem que ter uma relação segura, porque do sexo resulta o filho. E quem tem relação com todo mundo não tem responsabilidade." (J.S. 29 anos)

"É bom demais ter relação com o companheiro." (N.A. 27 anos)

"Eu fazia sexo porque tinha que fazer, porque tinha marido, e se não queria ele, ele me socava na parede e era paulada por todo lado... sexo pra mim é coisa mais nojenta, mais chata e vergonhosa, eu sei que o sexo é bíblico, mas ainda continuo achando vergonhoso pois tive muito trauma. Porque depois que ele me usava e gozava, ele me espancava. Qual mulher que vai gostar de sexo assim?" (M.P.S. 47 anos)

"Sexo é bom, eu gosto porque eu sinto muito prazer; eu não fico sem homem. Eu acho que quando a mulher tem saúde por baixo, no útero, a mulher sente prazer... quando eu tenho relação eu me sinto bem, com vontade de trabalhar, quando eu não tenho, sinto o corpo ruim, doente." (M.B. 46 anos)

2) Maternidade

"Quando eu não conhecia Jesus eu ouvia as pessoas falar que a árvore que não desse fruto seria cortada e jogada fora, colocada no fogo. Eu tinha medo de não casar e não ter filho. Aí eu tive esses filhos (8) para não ser cortada. Se eu não tivesse casado eu teria dado um

MAN
DRA
GORA

jeitinho para ter filho, porque eu não queria ser cortada, esse negócio de ser cortada não dá não. Agora eu conheço Jesus e tudo mudou, não tem nada a ver, mulher que tem filho e a que não tem é a mesma coisa, tudo é igual pra Deus. Isto mudou bastante pra mim porque se fosse hoje, eu não teria todos aqueles filhos, eu teria evitado, pois a maioria morreu e estragou a minha saúde." (M.P.S. 47 anos)

"Para mim a maternidade é sagrada. É como uma árvore, cada mulher é uma árvore que deve dar fruto. Cada filho que a mulher tem, no paraíso cada uma de nós temos uma árvore plantada, cada filho que nasce é uma fruta que dá na árvore e quando a mulher tiver fome no paraíso vai se alimentar desses frutos. A mulher que não tem filho é uma árvore seca e vai servir de ponte pra nós que temos filho passar para o paraíso, nós vamos passar por cima delas." (T.B. 39 anos)

"Dizem que as mulheres que têm filhos são lá no céu como árvore. Cada filho é uma fruta que nasce e vai alimentar a gente quando chegar lá, as que não tem filhos, são árvores secas e vão ser ponte pra nós entrar no paraíso." (M.G. 39 anos)

"A mulher é como árvore, tem que crescer e multiplicar." (N.S. 27 anos)

"Vou ter esse filho e vou fazer laqueadura. Não é minha vontade, na Bíblia diz que Deus deixou a mulher para multiplicar e então eu não queria operar. Deus sabe, né? Não vou fazer isso porque eu quero, mas porque eu preciso. Eu não posso mais ter filho, se eu pudesse ter, eu teria, apesar de que é difícil criar filho hoje, mas Deus não dá cruz mais pesada que eu possa carregar." (J.C. 20 anos)

3) Direitos reprodutivos

"Eu tomei pilula. Eu falei pro meu marido: eu tomo pilula mas se você for na farmácia e comprar com o seu dinheiro. Porque aí o pecado é dele e não meu. Então meu marido compra e eu tomo. A gente vai sempre na igreja e a Palavra tá sempre falando que anticoncepcional não é de Deus, eu me sentia culpada, acusada. Aí tomando pilula eu engravidei, aí cheguei à conclusão: não adianta tomar comprimido, a decisão vem de Deus. Aí, quando eu fui ter o filho, eu ia ser operada pois já tinha feito três cesarianas, então eu pedi uma corrente de oração na igreja para que fosse feita a vontade de Deus. Então no dia que fui pro hospital, o meu médico não estava e eu não fui operada." (J.C. 29 anos)

"Fui operada, eu acho bom porque a gente não pode ter muito filho mas se fosse escolher eu não ia operar. Foi o médico que operou, falou que eu não podia mais ter filho... o aborto é pecado." (N.S. 27 anos)

"Evitar não é tão pecado, só o aborto é pecado mesmo." (M.S. 24 anos)

"Eu não faço aborto, tudo o que Deus me dá eu crio. Eu não tenho coragem de matar... eu faço uma simpatia pra não pegar filho quando eu tenho relação, eu deito de bruço, com a barriga pra baixo por meia hora, aí não pega filho. A minha caçula tem três anos e ainda não engravidei de novo." (M.G. 39 anos)

"Tomar remédio (pilula) é pecado, mas pecado mesmo é o aborto. Eu fui operada, mas não fui eu que pedi. O médico me operou porque estava doente, por isso acho que Deus me perdoou." (T.B. 39 anos)

"Aborto eu acho horrível, um grande pecado, grande injustiça. Pessoa que tem coragem de ficar grávida e depois tirar um inocente é um pecado." (M.P.S. 47 anos)

"Aborto é pecado, tem que pensar antes, depois tem que aceitar, aborto é pecado que não tem perdão." (M.I. 30 anos)

"Aborto é pecado, só quando é natural que Deus perdoa... eu faço uma simpatia pra não ficar grávida. Depois de ter relação eu lavo por baixo com água de sal e tomo meia xícara de água com sal, aí eu não fico grávida." (M.B. 46 anos)

A partir dos relatos, pudemos perceber que o mito do "paraíso" introjetado pelas mulheres bóias-frias, na figura encontrada nas verbalizações da "árvore frutífera", entendida aqui como maternidade, exerce duas funções: num primeiro momento, é o acesso ao paraíso perdido, mas também a esperança de um lugar onde não haverá fome e violência presentes em seu cotidiano. A mulher bóia-fria projeta assim o desejo que não é realizado aqui na vida terrena para o paraíso idealizado, ou seja, a expectativa de saciação da fome e o desejo de viver uma sexualidade plena.

O mito introjetado em relação à maternidade desencadeia o processo de culpa, o "peso" da responsabilidade de ter acesso ao paraíso somente através da reprodução faz com que o evitar filhos, ou a esterilidade ou o aborto sejam vivenciados com extrema angústia e culpa.